

SANTOS FILHO, José Teixeira dos. **Entre pedras e direitos**: reflexões sobre a performance “Lapidação - ou quando gritam as pedras”. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Artes Corporais do Instituto de Artes; Bolsista; Iniciação Científica (CNPq), Programa Aluno-Artista (SAE-Unicamp).

RESUMO: Este texto faz uma breve reflexão sobre a performance “Lapidação - ou quando gritam as pedras” que foi apresentada na X Reunião Científica da ABRACE no dia três de outubro de 2019 no Espaço Cultural Casa do Lago. A performance é resultado de duas pesquisas de iniciação científica realizadas durante a graduação do pesquisador sobre criação e composição em dança a partir da temática da LGBTfobia perpassando por questões apresentadas na canção “Geni e o Zepelim” de Chico Buarque. Reflete-se sobre como a LGBTfobia denunciada e criticada na performance se choca com alguns artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Dança. Direitos humanos. Geni.

ABSTRACT: This text gives a brief reflection of the performance “Stoning - or when the stones scream” that was presented at the 10th ABRACE Scientific Meeting on October 3rd at the Casa do Lago Cultural Space. The performance is the result of two undergraduate research conducted during the undergraduate researcher's research on creation and composition in dance based on the theme of LGBTphobia going through the issues presented in the song “Geni e Zepelim” by Chico Buarque. It reflects on how the LGBT phobia denounced and criticized in performance clashes with some articles of the Universal Declaration of Human Rights.

KEYWORDS: Dance. Human rights. Geni.

Entre pedras e direitos: reflexões sobre a performance “Lapidação - ou quando gritam as pedras”

Liniker (*cantando*): Ela é um poço de bondade e é por isso que cidade, vive sempre a repetir:

(coro) Joga pedra na Geni!...

Liniker: (*interrompe*) "Não joga! (pausa). O Brasil é o país que mais mata travestis, transexuais, homossexuais e bissexuais no mundo. Isso tem que acabar! Basta! Só assim podemos nos redimir... (*cantando*) Bendita Geni! (AMOR & SEXO, 2017).

O texto acima é um trecho de um episódio do programa televisivo Amor & Sexo, transmitido pela Rede Globo de televisão em 2007. Ao cantar a música “Geni e o Zepelim”, de Chico Buarque (1978), a cantora Liniker intervém no refrão evocando o contexto de violência contra homossexuais no Brasil e no mundo,

fazendo uma crítica a nossa postura, enquanto público, que movido pela emoção de uma emblemática/icônica canção dos tempos de ditadura (REZENDE, 2007), não percebe cantar um apedrejamento.

Quem, conhecendo a canção, nunca se deixou tomar pelo momento e cantar junto “Joga pedra na Geni!” que atire a primeira pedra. Acontece que essa canção, ao contrário do que muitos pensam, não fala de uma mulher cis, prostituta, como também retratado por Maupassant em Bola de Sebo, obra que também inspirou o enredo da canção (REZENDE, 2007), mas sim, de uma travesti, uma das personagens da peça teatral Ópera do Malandro (1978). Sendo o Brasil o país que mais mata LGBTs no mundo segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB, 2019), tal comportamento não é desconexo. LGBTs ainda são vistos com maus olhos pela sociedade, o que contradiz algumas das premissas apontadas na Declaração Universal de Direitos Humanos (DUDH, 1948).

“Joga pedra na Geni” - um mote para a criação em dança:

Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

A partir de tais reflexões sobre como somos público coautor da cena de vários apedrejamentos, sejam eles de LGBTs ou outras minorias oprimidas, reais ou virtuais, e provocado pelo conteúdo (letra, voz, instrumentos) da canção “Geni e o Zepelim” fui me mobilizando para a pesquisa de dispositivos criativos em dança no intuito de chegar a uma criação que, ao passo que denunciasse a violência, instigasse o público a uma ação, pois a não ação frente a tal violência nos faz segurar as mesmas pedras que muitos, à diferença de não atirá-las. Havia também o desejo de não abordar a comunidade LGBT como passível de compaixão ou como “coitada”¹, mas no intuito de, ao falar da violência, também falar de resiliência. Para isso um longo caminho de investigação teórico-prática foi percorrido² até chegar à

¹ Paula e Figueiredo (2010) chamam atenção para o lexema “coitada” presente na canção e que se refere à coito.

² Nesse caminho tive o apoio da Profa. Dra. Ana Maria Rodriguez Costas (Ana Terra), que me orientou em duas Iniciações Científicas que propuseram em duas etapas a criação de um solo de dança sobre personagem Geni em paralelo com as violências contra LGBTs. Estas pesquisas foram intituladas como “Joga pedra na Geni!: estudo gestual e criação” (2015-2016) e “Joga pedra na Geni:

composição coreográfica “Lapidação - ou quando gritam as pedras”. Esta composição foi apresentada na X reunião Científica da ABRACE no dia três de outubro de 2019 no Espaço Cultural Casa do Lago na Unicamp. A seguir, será proposta uma reflexão sobre elementos (em sua maioria textuais) que perpassaram a composição coreográfica citada interseccionados pelos artigos da DUDH (1948). Essa reflexão emergiu da experiência na disciplina AD943 Tópicos Especiais VIII Dança e Direitos Humanos oferecida pela Profa. Dra. Mariana Baruco Machado Andraus no primeiro semestre de 2019 para alunos da graduação e pós-graduação do Instituto de Artes da Unicamp.

Artigo 1 - Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Gay é queimado vivo, na frente de crianças em Uganda³

Existem países que ainda hoje castigam de diversas formas, inclusive por meio de apedrejamento, pessoas que se relacionam sexualmente com outras do mesmo sexo. Este tipo de comportamento, infelizmente, em muitos casos conta com o apoio da sociedade, a depender do contexto cultural e religioso. Algumas denominações religiosas pregam que relações que fogem ao padrão binário sexista homem e mulher (considerando apenas o sexo biológico) sejam abominações que não condizem aos princípios religiosos. A própria Bíblia Cristã aponta em dois versículos que homossexualidade bem como travestir-se com roupas do sexo oposto (considerando formas binárias de sexualidade e gênero assimiladas do sexo biológico do indivíduo) seriam considerados crimes contra Deus e assim passíveis de punição.

A mulher não usará roupas de homem, e o homem não usará roupas de mulher, pois o Senhor, o seu Deus, tem aversão por todo aquele que assim procede. (BÍBLIA, [Deuteronômio 22:5](#))

da investigação gestual à composição com o público em tempo real” (2017-2018). Ambas contaram com o auxílio do Programa de Iniciação Científica da Unicamp sendo fomentadas pela SAE (Serviço de Apoio ao Estudante) e CNPq, respectivamente. Contabilizam-se mais de 200 horas de estudo prático.

³ Esta e outras reportagens foram coletadas ao longo das pesquisas e compõe um dossiê com uma seleção de textos que fizeram parte dos estudos prático-teóricos que culminaram na composição coreográfica. Por ser um levantamento realizado por grupos ligados à causa LGBTQ+ e não por instituições estatísticas, questiona-se a solidez dos dados e reflete-se a necessidade de estudos estatísticos oficiais.

Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles. (BÍBLIA, [Levítico, 20:13](#))

Na composição coreográfica realizada nesta pesquisa, buscou-se trazer esses discursos bíblicos em conjunto com reportagens que falavam sobre a intolerância contra LGBTQ+ motivada por aspectos religiosos. Durante a performance eram distribuídos textos com este tipo de conteúdo para o público, que era convidado a proferir em voz alta o que estava escrito, provocando uma ação deste durante a performance.

Artigo 3 - Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal

[...] esta aqui é a Geni. No dia em que a Geni for encontrada num quarto de pensão, nua, em decúbito ventral, um punhal nas costas, o crânio esfacelado, nesse dia a nossa sociedade vai despertar menos reluzente e menos perfumada. (BUARQUE, 1978, p.61)

Segundo o relatório anual do GGB (2019), 420 LGBT+ foram assassinados ou se suicidaram vítimas de homofobia e transfobia, o que equivale a uma morte a cada vinte horas. Isso coloca o Brasil no topo da lista dos países que mais comete crimes contra LGBTs, matando mais homossexuais e transexuais que países da África e Oriente Médio, onde há pena de morte para LGBTs.

Ao considerar a dança como uma potente ferramenta de formar, informar e principalmente, transformar paradigmas e discursos de preconceito e intolerância deparei-me com as ideias de Marina Guzzo e Mary Spink (2011), em “Dança, discursos e construção de sentidos”. As autoras partem da ideia de que a “dança é comunicação”, e através da palavra, do corpo, dos discursos e ações se pode configurar uma maneira de “performar o mundo” produzindo sentidos a quem faz (dançarino) e a quem assiste (público).

A dança contemporânea é um ato que não pode ser feito sem a intenção de produzir sentido, de comunicar. O valor do movimento e do corpo como expressão de pensamento e sensibilidades, antes de ser uma competência ou uma habilidade, é uma maneira de ocupar o sensível e dar sentido para essa ocupação. (GUZZO e SPINK, 2011, p.2)

Esse discurso, contudo, é influenciado pelo ponto de vista do criador de dança (coreógrafo ou bailarino) e o próprio discurso por perpassar por questões ou

instigações ou ideologias do corpo em cena. O corpo pode passar essas ou ideologias sendo um corpo gordo, negro, afeminado, transsexual ou outras formas que fogem aos estereótipos dos corpos que dançam. “A dança pensada como prática discursiva, como ação performática (e não apenas no sentido a performance dos corpos, mas como construção de realidades), deve ser olhada a partir de seu contexto, de seu tempo e de seus atores.” (GUZZO e SPINK, 2011, p.5).

Guzzo e Spink (2011), ainda apontam o conceito de endereçamento. Nele, estão questionamentos sobre a que público se destina uma obra, acreditando que esse público tenha ferramentas para compreendê-la ou apreciá-la ou refletir por meio dela.

O processo específico de relação com o público acontece a partir de um corpo que dança e outro que permanece sentado, assistindo. A posição onde o espectador está durante o espetáculo de dança já propõe uma perspectiva, uma convergência de imagens e sentidos. (GUZZO e SPINK, 2011, p.6).

Artigo 5 - Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante

Lapidação ou apedrejamento é uma forma muito antiga de execução de condenados à morte. Consiste em que as pessoas lancem pedras em um réu até que ele morra. Como uma pessoa pode suportar as dores de um apedrejamento por muitas horas sem perder a consciência, pode produzir uma morte muito lenta.⁴

Este texto se baseia na Lei Mosaica, presente nos cinco primeiros livros da Bíblia Cristã, originada da cultura hebraica monoteísta. Prevê a punição por apedrejamento por diversos “crimes” relacionados a vida sexual, como mulheres e homens que se relacionam sexualmente antes do casamento, ou por dinheiro, ou fora do casamento, entre outros.

Para a composição “Lapidação - ou quando gritam as pedras” considerou-se a palavra e o conceito de apedrejamento em seus múltiplos sentidos, denotando assim, o sentido de um apedrejamento que se dá por outras formas de violência: morte por outras ferramentas, palavras vexatórias, rejeição por parte da família, amigos ou grupo social.

⁴ Texto elaborado por mim com base em estudos sobre a definição de apedrejamento, a fim de ser recitado em laboratórios de estudo prático, ensaios e na apresentação da composição.

A morte por apedrejamento permeou a composição na ação do apedrejar e ser apedrejado. Como o corpo reage exposto ao risco de morte, condenado unicamente por viver sua sexualidade e identidade para além dos paradigmas biológicos. A pedra como símbolo de justiça, a pedra como arma, a pedra como lápide são alguns dos sentidos vividos e compartilhados entre público e performer.

Artigo 6 - Todo ser humano tem direito a ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei

Artigo 7 - Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Jovem trans têm dia de “pesadelo” após visita ao quartel para alistamento militar (Título de reportagem utilizada na performance)

Durante a pesquisa, evidenciou-se o não lugar da personagem Geni na sociedade, representando não apenas as travestis, mas sendo um símbolo daquilo que a sociedade considera impróprio por não representar os valores vigentes no meio social, ao que a cantora de funk MC Linn da Quebrada expressa em entrevista:

Eu acho que, esses corpos travestis. Esses corpos que pertencem a comunidade TLGB⁵ e os corpos marginais e marginalizados, por si só, eles só servem como exemplo para não serem seguidos. Esses corpos eles são necessários. O meu corpo, ele é necessário, mas ele é necessário socialmente para que todas as outras pessoas nos vejam e nos apontem o dedo e digam que aquilo ali não pode existir. Que aquele corpo, que aquela vida, aquela existência, se ela existir ela merece ser punida (REVISTA ÉPOCA, 2017).

Na performance é questionado a todo momento se o indivíduo que está exposto, é passível de punição. Existe uma tensão a cada apresentação a respeito de que alguma pessoa sinta-se a vontade de lançar uma pedra no performer. Assume-se esse risco pensando que ele já existe a partir do momento que o performer, em seu cotidiano, existe enquanto um homem afeminado que se relaciona com outros homens.

⁵ TLGB é uma variação da sigla LGBT (Lésbica-Gay-Bissexual-Trans) ou GLBT. A inversão da ordem das letras acontece por um posicionamento político referente à visibilidade de cada segmento.

Infelizmente, quando ocorre algum ato de violência contra LGBTs, em alguns casos eles são invisibilizados ou até mesmo cometidos por agentes de segurança pública e a Polícia Militar, treinada para proteger os humanos “direitos”, mesmo que para isso ela viole os direitos humanos.

Reportagens como “Mulheres trans são agredidas e retiradas de shopping à força” (2016) e “A história de Luana: mãe, negra, pobre e lésbica, ela morreu após ser espancada por três PMs” entre outras citadas na performance retratam como a força policial responsável por assegurar a dignidade dos físicos dos cidadãos é responsável por negligenciar

Artigo 8 - Todo ser humano tem direito a receber dos tribunais nacionais competentes remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela constituição ou pela lei.

Artigo 13 - 1. Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado

[...] homofobia institucional, quando os Governos não garantem a segurança dos espaços frequentados pela comunidade lgbt ou vetam projetos visando a criminalização da homolebotransfobia. (GGB, 2019, p. 3)

A criminalização da homofobia, e entenda-se que ela engloba diversos crimes cometidos por causa da sexualidade ou gênero conflitantes com o padrão heteronormativo, gera vários conflitos entre políticos progressistas em sua maioria de esquerda e políticos da bancada cristã que vendam seus olhos aos crimes de ódio cometidos contra a comunidade LGBT em nome de ideais conservadores pautados em valores religiosos.

Assim como determinados grupos são responsáveis pela violência, outros grupos exercem uma ação de intolerância que exclui direta ou indiretamente um indivíduo, seja por sua sexualidade, gênero, raça, contexto social.

Roteiro comentado

As reflexões apresentadas juntamente com os textos citados fazem parte da composição, sendo recitados por mim, ou pelo próprio público em momentos em que ele é chamado a participar da cena tornando-se coautor desta, e colocando-o

num lugar de responsável pelas pedras que segura e que recebeu antes de entrar no espaço cênico da apresentação. As pedras (armas brancas) são os vários mortos, vítimas da homolebotransfobia. São as lápides, a lembrança daqueles que se foram. Silenciados pela intolerância, pelos múltiplos apedrejamentos que um LGBT pode sofrer elas já não podem falar mais por si. Mas como ato de resistência, meu corpo grita por essas pedras. A seguir expõe-se o roteiro comentado da composição coreográfica:

1- DEVANEIO DE RECEPÇÃO

Enquanto as pessoas entram, já estou em cima de um cubo, como em um pedestal, num giro lento de olhos fechados, experimentando o risco e o desequilíbrio com a pedra na mão. Os braços estão caídos ao longo do corpo, e durante o giro lento eles vão se erguendo, ajudando a me equilibrar e alongando a coluna. Pensar no tônus dos braços e mãos levantados. Vou soltando a pedra aos poucos deixando ela cair depois quando todos já estão acomodados para a apresentação (ou para o apedrejamento? - fica a questão do quanto a performance representa esse ritual).

2- A EXPOSIÇÃO DO NÃO RECOMENDADO À SOCIEDADE

Após a queda da pedra abro os olhos e começa a tocar “Não recomendado” (composição de Caio Prado). Lentamente começo a me despir ainda em giro. O giro aos poucos vai ganhando velocidade principalmente após tirar toda a roupa, ficando apenas de cueca e blusa de alças. O público então descobre que meu corpo contém escritos vermelhos: ofensas homofóbicas e juras de morte. O giro vai aumentando a velocidade, gerando desequilíbrio e tensão pela eminente queda. Até que ela acontece. O chão se mancha de vermelho com resíduos dos escritos em meu corpo. Nessa cena me coloco exposto, seminu, como que para ser punido pelo meu crime inscrito em minha carne com batom vermelho, símbolo da feminilidade num corpo masculino que é vista como ofensa aos olhos de meus possíveis algozes. Minha punição é um exemplo a não ser seguido, um não recomendado.

O clipe dessa música ilustra a fala supracitada: Não Recomendado - Não Recomendados. https://www.youtube.com/watch?v=GsaR0TQNu_w

3- O DESPIR DA PEDRA

Recupero-me da queda, da qual fico tonto. Pego rolos de fita crepe, vou ao cubo e peço que o público desembulhe as senhas que receberam na entrada. Ao desembulhar a senha as pessoas encontram uma pedra envolta em um papel com uma reportagem ou texto de cunho LGBTfóbico. Desembulho a pedra que deixei cair e leio o papel colando-o no cubo com a fita crepe. Peço então que todos também leiam seus papéis, colocando-os depois no cubo. Enquanto as pessoas leem as reportagens e colam no cubo eu faço 5 gestos - braços em forma de cruz, mãos amarradas, mãos no pescoço, afastar com as mãos, afastar com o corpo - languidamente explorando o deslocamento e expressões.

4- DANÇA-GENI

Quando acabam as reportagens eu finalizo os gestos e empurro o cubo para fora do espaço cênico. Recito o texto que Maria Bethânia recitou antes de cantar a canção “Geni e o Zepelin” no show Estranha Forma de Vida em 1981 enquanto passo batom na boca e no corpo desenhando uma linha de um braço a outro e visto uma calça. Ao fim do texto, começo uma improvisação tendo a canção (letra, voz e instrumento) “Geni e o Zepelim” interpretada pela cantora e pianista Cida Moreira, como mote, para uma dança íntima que termina numa risada que se inicia pela respiração e contração do abdômen, aumentando para algo visceral, principalmente no ápice da canção, onde a personagem é apedrejada. A canção acaba. Vem as palmas. O riso vai morrendo.

5- DE JOELHOS EM CRUZ

No chão, começa-se a construir-se o gesto da crucificação com quedas e recuperações. Nesse momento fico explorando o nível baixo e médio ficando apenas de joelho, variando tempo e peso e me deslocando num movimento centrífugo para o público. Não tem fim. Ou o fim é a exaustão (exaustão da cena ou

minha exaustão física). A cruz é uma metáfora para a ideia de sacrifício, para a ideia de violência para com um inocente, que é tão presente no cristianismo. Essa cena se faz no silêncio.

6- O AMOR É TÃO LONGE

Aos poucos vou ficando de pé ainda nas quedas e recuperações. Quando se chega a exaustão, paro de frente de alguém com os braços abertos e vou em direção a pessoa, mas desvio dela para ir ao fundo do espaço cênico onde tiro a roupa e coloco um vestido de tule preto. Começo a recolher as pedras recitando “Balada de Gisberta” (2007), canção composta por Pedro Abrunhosa, finalizando com a frase “o amor é tão longe” e andando pelos extremos da sala perto da parede atrás do público. Vou repetindo essa última frase e enquanto isso começa a tocar um discurso homofóbico de Silas Malafaia sobre homossexualidade. Ainda repetindo a fala, vou aumentando a voz e a caminhada que vai se tornando uma quase corrida desequilibrada. A quase corrida vai se transformando numa valsa a dois com uma pessoa só, tendo o olhar voltado para as mãos. Volto ao centro do espaço cênico, desenhando uma trajetória circular até chegar ao centro repetindo a frase “o amor é tão longe” num quase sussurro. A espiral se converte num giro ao centro do espaço cênico diminuindo até chegar na pausa. Finalizo.

Referências

ABRUNHOSA, Pedro. **Balada de Gisberta** (canção). 2007. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/maria-bethania/1768848/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

AMOR & SEXO. **Liniker canta sucesso de Chico Buarque**. GLOBO PLAY, 2 mar. 2017. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5695447/>. Acesso em: 31 jan. 2018.

BÍBLIA, A. T. **Deuteronômio**. In: BÍBLIA. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BÍBLIA, A. T. **Levítico**. In: BÍBLIA. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BUARQUE, Chico. **Ópera do malandro**. São Paulo: Cultura, 1978.

COMBATE RACISMO AMBIENTAL. **A história de Luana: mãe, negra, pobre e lésbica, ela morreu após ser espancada por três PMs.** Combate Racismo Ambiental. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2016/04/25/a-historia-de-luana-mae-negra-pobre-e-lesbica-ela-morreu-apos-ser-espancada-por-tres-pms/>. Acesso em: 09 mai. 2016

GGB (Grupo Gay da Bahia). **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil:** relatório 2018. 2019. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2019.

GUZZO, Marina Souza Lobo e SPINK, Mary Jane Paris. **Danças, discursos e construção de sentidos.** In: 2º Encontro Nacional de Pesquisadores em dança (2011) Dança: Contrações epistêmicas, maio, 2011, Porto Alegre. Anais Eletrônicos. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.portalanda.org.br/anaisarquivos/6-2011-3.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2017.

NÃO RECOMENDADOS. **Não Recomendados - Não Recomendado** (Clipe Oficial). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GsaR0TQNu_w. Acesso em: 20 jun. 2019.

REZENDE, Irene Severina. **Similaridades temáticas além-fronteiras:** Chico Buarque e Guy de Maupassant. Revista Crioula, novembro de 2007. n. 2. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/53581/57549>. Acesso em: 19 de abril de 2015.

REDAÇÃO. **Mulheres trans são agredidas e retiradas de shopping à força.** Revista Fórum (online). Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/mulheres-trans-sao-agredidas-e-retiradas-de-shopping-a-forca/>. Acesso em: 06 jun. 2019.

REDAÇÃO PRAGMATISMO. **Jovem trans têm dia de “pesadelo” após visita ao quartel para alistamento militar.** Pragmatismo Político (online). Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/10/jovem-trans-tem-dia-de-pesadelo-apos-visita-ao-quartel-para-alistamento-militar.html>. Acesso em: 23. nov. 2015.

REVISTA ÉPOCA. **Mc Linn e a desconstrução dos preconceitos sexuais.** Youtube, 13 jan. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ipkysStudv8>. Acesso em: 31 jan. 2018.

SHEEP, Nelson. **Gay é queimado vivo na frente de crianças em Uganda.** SUPERPRIDE (online). Disponível em: <http://www.superpride.com.br/2014/02/gay-e-queimado-vivo-na-frente-de-criancas-em-uganda.html>. Acesso em: 04 dez. 2017.

UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH).** Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 05 jul. 2019.